

## **AULA DE LITERATURA: UM ESPAÇO PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS ATRAVÉS DA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS.**

**Eliana Morais de Azevedo e Sousa<sup>1</sup>**  
**Josiane Dias Pereira<sup>2</sup>**  
Universidade Federal do Amapá

### **RESUMO**

Este trabalho aborda questões relevantes para o ensino de Literatura, mais especificamente no que diz respeito ao estudo da leitura de textos literários em sala de aula, pois o que se nota no processo de ensino-aprendizagem dessa disciplina é que o estudo dos estilos literários se sobressaem. Portanto, é necessário que sejam criados mecanismos que possibilitem ao aluno a plurissignificação da linguagem literária, sem que os textos literários sejam unicamente escolarizados.

**PALAVRAS- CHAVE:** Literatura, leitura, texto.

### **RÉSUMÉ**

Ce travail présente des sujets importants pour l'enseignement de la Littérature, surtout en ce qui concerne l'étude de la lecture de textes littéraires en salle de classe, car on remarque que, dans le processus d'enseignement/apprentissage de cette discipline, les canons littéraires se détachent. Il faut donc créer des mécanismes favorisant à l'apprenant la plurissignification du langage littéraire, sans que les textes littéraires soient uniquement didactisés.

**MOTS- CLÉS:** Littérature, lecture, texte.

### **1- INTRODUÇÃO**

No que se refere ao ensino de literatura no contexto escolar, é possível notar que é uma prática de ensino que precisa ser repensada e redirecionada, já que essa disciplina muitas vezes serve de pretexto para se estudar fatos históricos; não que a história da Literatura deixe de ser relevante, porém ela deve ser viabilizada de forma em que a sua função não perca a sua essência, que é também de formar um leitor literário crítico, conhecedor desses fatos históricos, mas acima de tudo um

---

<sup>1</sup> Concluinte do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Francês. Contato: eliana-e@hotmail.com

<sup>2</sup> Concluinte do Curso de Licenciatura Plena em Letras. Contato: josydias.ap@hotmail.com

construtor/multiplicador de conhecimentos. Portanto, o referido trabalho tem como finalidade mostrar ao educador como se deve proceder a análise literária, bem como mostrando aos alunos de que nessa análise se trabalha o “todo” e não “partes” e/ou “fragmentos” de obras literárias.

## **2- ESCLARECIMENTO ACERCA DA PESQUISA**

A referida pesquisa está diretamente relacionada a questões que envolvem o ensino de literatura e leitura literária em uma turma de 3ª série do ensino médio, em uma escola estadual de ensino do município de Santana – AP.

Nas observações feitas na sala de aula, diagnosticamos que os alunos possuem dificuldades em relação à leitura e a análise textos literários. Percebemos também nessas observações feitas no período de 17/03 a 07/04 de 2010, que a problemática ao incentivo da leitura literária estava centrada no modelo de ensinar, uma vez que a professora não oportunizara aos alunos expressarem suas opiniões, não lhes permitindo os múltiplos olhares que uma leitura pode ter.

Outro ponto muito importante que se notou, foi o fato de a escola não proporcionar ao aluno, bem como ao professor, um local propício para se realizar a leitura, pois no que diz respeito ao espaço físico, a escola não oferece o conforto devido aos alunos, uma vez que a biblioteca e a sala de aula são pequenas para o quantitativo de discentes.

Assim, tendo em vista essa realidade, desenvolvemos uma oficina intitulada “A leitura literária em sala de aula”, a qual teve como finalidade, verificar o que os alunos compreendiam acerca da leitura de textos literários. Além disso, constatar se os mesmos possuem discernimento bem definidos de como a leitura literária deve ser desenvolvida.

## **3- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

O desenvolvimento deste trabalho tem como bases teóricas as contribuições de pesquisas sobre a leitura e o discurso literário de alguns autores como Koch & Elias (2006), Lajolo (2008), Brandão & Martins (2003) *et al*, Martins (2001) e Antunes (2002).

De acordo com CÂNDIDO (apud nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, 2006, p.54), a literatura deve ser compreendida como um fator indispensável de humanização. Na visão deste autor, a literatura quando visualizada por esse viés, desenvolve em nós (leitores diversos de textos diversos) uma quota de humanidade que envolve a reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de compreender os problemas da vida etc. Em linhas semelhantes a esse autor, MARTINS & VERSIANI (2005, p. 18) propõem que literatura não se ensina, aprende-se com ela. Mas, para as autoras à medida que se aprende é possível passar para outros um pouco daquilo que o prazer da leitura deixou em nós, ou seja, o compartilhamento dos modos de compreender a vida, o mundo, a existência, a identidade, a relação com os outros.

No entanto, esses aspectos acabam ficando em um segundo plano, pois o que se observa na maioria das aulas de literatura, é que o aluno é sobrecarregado com informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias. Nesse sentido, a noção atualmente de literatura que é propagada nos meios institucionais de ensino e nos livros didáticos, tem demonstrado que essa disciplina vem sendo interpretada/ensinada de forma errônea, pois segundo BRANDÃO & MARTINS:

A literatura, na escola, quase nunca é tratada como objeto de estudo, ou como conhecimento a ser transferido, apropriado, aplicado para o desenvolvimento do sujeito dentro do seu contexto cultural. A literatura é tratada, sim como pretexto, estratégia para o estudo de outros objetos, procurando minimizar, através dela, a aridez dos assuntos abordados. BRANDÃO & MARTINS (2003, p. 259).

Pelo que é exposto pelas autoras, percebe-se que a literatura não recebe seu real valor dentro da sala de aula, ou então na melhor das hipóteses, recebe apenas um pseudo-valor, ou seja, tradicionalmente e também por uma questão didática, explora-se nas aulas de literatura, mais aspectos ligados ao estilo literário do que seus aspectos mais relevantes (ideias, conhecimentos, etc.) que a disciplina possui. Assim, o que se tem percebido é que a literatura não tem sido tratada literariamente na escola, pelo contrário, o que a utilização didática da literatura mais tem feito é destruir o seu efeito literário. BRANDÃO & MARTINS (2003).

O mesmo pode-se dizer sobre o texto literário, uma vez que este tinha – e ainda tem – primazia em sala de aula, sendo considerado o texto por excelência a ser estudado na escola, não para a construção de sentidos, e sim para exploração de

elementos gramaticais. Sobre essa questão, LAJOLO (2008, p. 15) mostra que o texto literário no âmbito escolar, costuma adelgaçar e rarefazer seu sentido geral chegando ao ponto de ficar irreconhecível. Inevitavelmente isso devido ao processo de escolarização que a literatura sofre no espaço escolar.

A leitura, ou a falta dela, tem-se constituído em uma preocupação que vai além dos muros escolares, entretanto, é da escola, ainda, que se espera a formação de um leitor que não apenas goste de ler e mantenha frequência na leitura, mas que estabeleça uma relação de entendimento com o texto lido. Assim, como propõem BRANDÃO & MARTINS (2003) a leitura literária possibilita uma experiência ímpar, que leva o leitor além das entrelinhas do texto, possibilitando-o o encontro com outros sentidos que este texto pode apresentar, bem como despertar novas experiências de mundo.

É válido ressaltar que a leitura de um texto possibilita uma pluralidade de leitura e cada leitor, a partir do conhecimento que tem, irá determinar um significado, um sentido para o texto, conforme nos mostra ORLANDI (1988, p. 12) “a leitura polissêmica é definida pela atribuição de múltiplos sentidos ao texto.” Sendo assim, segundo MARTINS pode-se dizer que

A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido (...). Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (MARTINS, 2007, p.33)

Outro ponto relevante para a realização da leitura está diretamente ligado a interação autor-texto-leitor, segundo KOCH & ELIAS (2006, p.21) esta relação está ligada diretamente ao fato de atribuir-se significação, já que o autor não detém a verdade, nem é o único a poder direcionar e dar significado ao texto, mas sim o leitor poderá dar novos sentidos ao mesmo texto, utilizando por sua vez, o conhecimento de mundo, o poder das inferências. Porém, deve-se deixar bem claro, que o leitor não deve interpretar além das possibilidades que o texto gera/possibilita.

A leitura de fato se processa quando há compreensão entre emissor e receptor da informação, ou seja, quando quem fala consegue alcançar o objetivo e quem a recebe consegue entendê-la em sua essência; mas além de se entender tal essência, o leitor também utiliza o seu conhecimento prévio para melhor explorá-la.

Porém, para que isso ocorra, é necessário que haja cumplicidade entre ambos, como defende ANTUNES (2003, p.67): “o leitor como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor.” Nessa perspectiva, KOCH & ELIAS dizem que

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH & ELIAS, 2006, p.11)

Pelo fato de a leitura se tratar de um processo altamente complexo, é necessário que se leve em consideração uma série de elementos para que se tenha uma boa compreensão do que será lido; dentre esses elementos, pode-se destacar: A seleção de textos com um nível de linguagem adequado a cada período (faixa-etária); bem como focalizar os objetivos; ter em mente o conhecimento prévio e acima de tudo ler com prazer e não somente por ler, já que os PCN mostram que

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua. (...). Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. (PCN, 2000, p.53).

Dessa forma, é válido dizer que um texto em si é repleto de sentidos, mas em se tratando de textos literários, as possibilidades de sentidos podem ser ainda maiores, mesmo porque a leitura de um texto vai depender do conhecimento de mundo, da experiência que cada leitor possui, sendo assim, pode-se dizer que, cada um desses leitores vai determinar um novo significado, um novo sentido para a uma mesma leitura, já que ela nos possibilita uma vasta construção de sentidos, como se pode observar em MARIA quando diz que

Um texto só se completa com a leitura. (...). Um texto é plurissignificativo, e cada pessoa atualiza parte de suas possibilidades, ou seja, dependendo de sua vivência, atribui determinado significado (...). É evidente que, se se trata de um texto literário, suas possibilidades significativas são maiores, mas, mesmo em relação a textos puramente referenciais, informativos, o nível de leitura e informação prévia do leitor vai influir na leitura, na interpretação, na compreensão. (MARIA, 2002, p. 22).

Vale ressaltar ainda que, a leitura pode ser agradável ou não, porém isso depende muito de como ela é viabilizada em sala de aula, isto é, se o professor trabalha a leitura de uma forma prazerosa, com certeza os alunos terão um melhor desenvolvimento; já quando trabalhada como uma imposição, a leitura perde todo o seu “encanto”, e passa a ser vista como uma obrigação. Porém, apesar de se saber dos desafios que a leitura nos dá, é importante notar que ela é de grande relevância para o desenvolvimento do pensar do indivíduo, uma vez que ZILBERMAN (1988, p. 17) nos mostra que “a solução proposta relaciona-se ao assumir de uma concepção de leitura segundo a qual o ato de ler qualifica-se como uma prática indispensável para o posicionamento correto e consciente do indivíduo perante o real.”

Dessa maneira, segundo MARTINS (2007, p. 34), “ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios”, construindo por sua vez, sentidos além do que está escrito, levando em consideração o ponto de vista do alunado, bem como mostrando a eles que é possível sim ler sem se sentir obrigado, em que este alunado pode também usufruir do poder de formulação de hipóteses a partir da leitura.

De acordo com MARIA (2002), o que nos move no processo de leitura e escrita, é muito mais a experiência e o prazer que essa leitura nos proporciona do que simplesmente a busca de informações. A experiência é sinônimo de estar vivo, criando e explorando, interagindo com mundos-reais, possíveis e inventados. Sabemos que o texto é um “tecido vivo”, daí, ao se conceber sentidos, que é a leitura ativo-responsiva (críticoativa); esses significados passam a fazer parte da vida do leitor.

Sendo assim, o professor juntamente com a escola e os familiares devem proporcionar aos alunos momentos de leitura, assim como condições físicas e estruturais, já que o que se pretende realmente com o ensino de leitura literária, não é apenas levar o aluno a concebê-la como um processo de consumo e armazenamento de informações tão-somente; mas sim formar prioritariamente um leitor literário, como propõem os níveis de letramentos literários capazes de contribuir para a verdadeira formação de cidadãos letrados.

#### 4- A ANÁLISE DE DADOS

A análise foi construída através das inferências feitas por alunos da 3ª série do ensino médio de uma escola estadual do município de Santana – AP, acerca da leitura dos textos literários: *O sonho (poema)*, de Clarice Lispector e *Os pobres (poema)*, de Olavo Bilac, trabalhados em uma oficina sobre leitura literária. Vale ressaltar, que antes da exploração dos referidos poemas, pontuamos alguns aspectos para serem discutidos em sala de aula antes da leitura dos textos elencados; tais aspectos se referenciavam a: o que é literatura; a importância da literatura; o que é texto literário; o que é leitor e o que é leitura literária. Posteriormente, fizemos a análise literária do poema *O bicho*, de Manuel Bandeira, para que pudéssemos usá-la como exemplo de demonstração aos alunos de como se processa uma análise literária, nesse momento os alunos puderam expor suas impressões, compreensão, a respeito do texto, uma vez que só é possível que haja a construção de sentido quando se permite a interação entre o aluno e o texto.

Para efeito desta análise de dados, lançamos mão de teóricos que seguem a mesma linha de pensamento dos referenciais já mencionados neste trabalho; vale ressaltar ainda, que utilizamos recortes para a transcrição “fiel” do discurso dos alunos. Portanto, para o início da socialização foi escolhido primeiramente o texto 1: *O sonho* de Clarice Lispector, onde o aluno I quando questionado sobre o entendimento do texto em questão, respondeu:

I: Nesse poema eu entendi é que todas as pessoas têm sonhos, mas só quem consegue realizar o seu sonho é quem corre atrás dos seus objetivos (...) às vezes a gente quer tanto uma coisa e não corre atrás, espera pelos outros, espera “cair do céu” e não é assim que as coisas acontecem, pois só quem luta por seus objetivos é quem consegue alcançá-los. O que mais me chamou atenção foi quando o eu - lírico diz: “Porque você possui apenas uma vida! E nela só se tem uma chance/ De fazer aquilo que quer”, ou seja, temos que aproveitar todas as chances que a vida nos oferece; é preciso também que a gente lute pelo o que queremos, porque só quem consegue vencer na vida é quem se esforça, como a gente pode vê em: “a felicidade aparece para/ aqueles que choram/ Para aqueles que se/ machucam.” No momento eu posso dizer

que tenho um sonho, aliás, eu acredito que aqui todos nós temos um sonho, mas o meu sonho no momento é concluir o ensino médio e em seguida passar no vestibular. (I, 22/09/2010)

Através do comentário do aluno I, pode-se perceber que o mesmo conseguiu construir sentido para o texto, uma vez que este sentido não está somente nas “linhas” do texto, mas também no interior do leitor. Sendo assim, notou-se que o aluno conseguiu associar uma vontade própria para evidenciar o seu entendimento acerca do poema, ou seja, o mesmo acabou utilizando de forma inconsciente seu conhecimento de mundo para melhor explicitar o seu entendimento, (ANTUNES, 2003, p. 78), conforme percebemos em: *“No momento eu posso dizer que tenho um sonho, aliás, eu acredito que aqui todos nós temos um sonho, mas o meu sonho no momento é concluir o ensino médio e em seguida passar no vestibular.”*

Dando continuidade ao processo de socialização, o aluno II declara:

II: Durante a leitura desse texto, *O sonho*, observei que é um poema que praticamente não tem rima, mas por outro lado, é um texto que chama muita atenção porque ele “tipo” nos dá conselhos, como a poetisa nos mostra no primeiro parágrafo: “Porque você possui apenas uma vida/ E nela só se tem uma chance/ De fazer aquilo que quer.” Além disso, o poema traz verbos no modo imperativo como “sonhe” e “tenha” que faz com que a gente entenda como ordens, até porque ainda somos muito jovens e temos muita coisa *pra* viver. (II, 22/09/2010)

Diante do posicionamento do aluno II, percebemos que a escola ainda impõe um modo “errôneo” (BRANDÃO & MARTINS’, 2003) de se explorar textos literários, ou seja, o ensino de literatura ainda está diretamente relacionado ao estudo de estruturas formais, como notamos em II ao falar: “durante a leitura desse texto, o sonho, eu observei que é um poema que praticamente não tem rima.” Conforme COSSON(2006, P.21) nos mostra é comum que isso aconteça na maioria das aulas de literatura, uma vez que a escola não trabalha com textos literários, ou quando trabalha, ela explora, na maioria das vezes, apenas fragmentos e/ou partes da obra literária.



Outro ponto de grande relevância, ainda com relação ao aluno II, é que apesar do mesmo abordar aspectos relacionados às formas fixas, ele também conseguiu construir sentido para o poema, ao dizer que: “é um texto que chama muito atenção porque ele `tipo` nos dá conselhos (...). até porque ainda somos muito jovens e temos muita coisa pra viver.” Através deste comentário, notamos o que MARIA (2002, P.22) defende ao dizer que “um texto só se completa com a leitura”, ou seja, este aluno percebeu que dentro do poema *O sonho*, foi possível construir um outro sentido além do que já tinha sido abordado pelo aluno I.

Em sequência a socialização, surge uma dinamização entre os alunos I e II, onde:

I: É bem interessante esse tipo de leitura que a gente tá fazendo hoje, pois só assim eu notei que cada vez que a gente lê, a gente entende um pouco mais do texto, pois eu não tinha percebido esse negócio de conselho que o meu colega falou, eu só tinha visto a questão do sonho e, principalmente, que a gente tem que lutar por eles.

II: Eu concordo quando o meu colega falou que cada vez que a gente lê encontra uma coisa nova no texto, pois eu só tinha visto essa questão do conselho que o poema *O sonho* nos dá, mas depois que o meu colega falou sobre o sonho que todos nós temos é que eu pude comparar com um sonho meu, que é que o mundo tenha paz. Além disso, relendo o poema eu pude vê que pra ter felicidade é preciso que a gente corra atrás do que queremos.

Levando em consideração a discussão entre os alunos I e II, podemos observar que houve uma grande sintonia de ideias entre os mesmos, já que um sempre utilizava as inferências feitas pelo outro para um entendimento próprio, isto é, tanto o aluno I quanto o II foram capazes de perceber que só é possível construir sentidos a um texto quando se proporciona um momento para a socialização.

A socialização sobre os textos continua, porém para o segundo momento, houve a análise literária do texto 2 : *Os pobres*, de Olavo Bilac, do qual foram abordadas as formulações de hipóteses de outros três alunos, em que:

III: Esse texto de Olavo Bilac, ao contrário do primeiro texto (O sonho), é rico em rima e como a gente sabe ele pertence ao parnasianismo, pois esse texto realmente retrata a pobreza material como a gente pode ver no texto: “Vivem sem cama e sem teto, / (...) / Pedem um pouco de pão.” A pobreza é um problema social presente em nossa realidade e engloba as classes sociais menos favorecidas. (III, 22/09/2010)

IV: Eu acho que o que a minha colega falou está certo, pois esse texto realmente retrata a pobreza material, mas quando eu *tava* analisando o texto eu também observei a pobreza afetiva. (...). Eu achei esse texto muito interessante porque ele apresenta coisas da nossa realidade, isso a gente pode observar no próprio título “Os pobres”, ou seja, esse texto retrata a pobreza e essa pobreza não é somente de coisas materiais, é pobreza de pão, de compaixão, de cama, de teto e de afeto, como nos fragmentos quando o poeta fala: “Os pobres que andam sozinhos, / Implorando compaixão / Vivem sem cama e sem teto / Na fome e na solidão.” Até porque tem pessoas que tem tudo (comida, casa, roupas, sapatos, etc.), mas falta carinho, amor; então esse texto mostra vários tipos de pobreza. (IV, 22/09/2010)

V: Esse texto mostra a pobreza de bens materiais e pobreza de caráter, porque mostra assuntos da nossa realidade, pois fala de pobreza, de miséria, fala das pessoas que não tem onde morar, dormem na rua e ficam dependendo do dinheiro dos outros para sobreviver,” esse texto realmente retrata coisas do nosso cotidiano, pois o que mais a gente vê por aí é mendigo pedindo esmola. Eu entendo que a pobreza de caráter está presente quando o poeta fala: “São tímidos? São covardes?”, ou seja, o poeta dá características aos pobres, fazendo com que eles sejam ainda mais pobres, pois além da pobreza de bens materiais, eles também são pobres de caráter. Eu também observei que o texto pede que a gente tenha mais compaixão com as pessoas pobres, como se pode vê nesse parágrafo: “Guiar-lhe os tristes passos! / Dai-lhes, sem hesitação, / O apoio de vossos braços, / Metade de vosso pão!” (V, 22/09/2010)

No momento da discussão entre os alunos III, IV e V, notou-se que os mesmos ao analisarem o texto *Os pobres*, tiveram pontos de vistas semelhantes, como se pode observar no discurso dos três alunos, III: “pois esse texto realmente retrata a pobreza material”; IV: “*Eu acho que o que a minha colega falou está certo, pois esse texto realmente retrata a pobreza material.*”; V: “*Esse texto mostra a pobreza de bens materiais*”. Portanto, pode-se dizer que todos tiveram a mesma opinião, quando perceberam que havia no poema a pobreza material.

Vale lembrar ainda que houve alguns pontos diferentes abordados pelos alunos IV e V, isto é, apesar de o aluno IV ter afirmado a opinião dada pela aluna III, ele ainda abordou um ponto de vista diferente quando falou: “*mas quando eu tava analisando o texto eu também observei a pobreza afetiva.*”, ou seja, o aluno (IV) percebeu também a pobreza afetiva. Para nossa surpresa, houve ainda algo que nos chamou mais atenção, isto é, o aluno V além de ter percebido os dois aspectos acima mencionados entre os dois outros alunos (III e IV), ele ainda foi capaz de perceber um outro ponto presente no texto, quando explicita: “*(...) eu também observei que o texto pede que a gente tenha mais compaixão com as pessoas pobres.*” Ou seja, quando se trata de um texto literário há uma maior possibilidades de leitura, sendo assim, o texto passa a ser polissêmico por está “aberto” a outras significações. (AGUIAR & BORDINI, 1993).

Durante a oficina, foi possível observar que os alunos foram capazes de construir sentidos aos textos propostos, porém o que se nota constantemente é que alguns leitores pensam que através da leitura de um texto pode-se fazer qualquer inferência, mas isso vai depender de cada leitor, pois ele (leitor) pode atribuir o sentido que quiser para uma determinada leitura, desde que esses sentidos possam ser sustentados com as ideias presentes no texto (FERREIRA, 2001, p.138). Portanto, percebeu-se que os alunos que participaram da socialização, ao fazerem a análise literária dos dois poemas, comprovaram suas ideias retirando elementos presentes no “corpo” dos textos literários trabalhados em sala de aula.

Diante das discussões propostas em sala de aula sobre a análise literária dos textos em questão (*O sonho* e *Os pobres*), percebemos que os alunos são capazes de construir sentidos para os mesmos, uma vez que quando proporcionado o momento de socialização houve grande participação dos alunos, ou seja, quando é possibilitado esse momento de interação entre autor/texto/leitor o aluno deixa aflorar

toda a sua capacidade de construção de sentido, como defende KOCH & ELIAS (2006, p. 21).

Apesar de se notar que nem todos os alunos estavam conectados a essa nova maneira de se explorar a leitura de um texto literário, pode-se dizer que a maioria deles conseguiu atingir os nossos objetivos (que era o de construir sentidos aos textos sem se prender somente ao ensino tradicional de literatura), uma vez que conseguiram ir além das linhas do texto, isto é, perceberam que há outros pontos a serem discutidos além daqueles que estavam visivelmente nos poemas, por isso pode-se dizer que a escola tem o dever de trabalhar com a diversidade de textos para que haja mais momentos de construção de sentidos para os mesmos (textos), conforme emprega os PCN (2000, p. 54).

Considerando os aspectos abordados pelos alunos e a análise apresentada, confirmamos o fato de que a leitura não pode ser realizada a partir de um único viés/entendimento, ou seja, que o texto não é um produto finalizado, pois cada leitor pode ser construtor de um final para um mesmo texto; bem como pode ser capaz de descobrir novos rumos a serem traçados; e, por fim, deixarão de ser sujeitos passivos e passarão a exercer o seu papel de leitor literário na sociedade.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em meio à realização deste trabalho, constatamos que é possível sim fazer do texto literário uma fonte de inspiração para os alunos, ou seja, quando o texto trabalhado de uma maneira diferenciada (explorando a sua análise literária) os alunos deixam de ser meramente ouvintes e passam a ser interlocutores, fazendo valer por sua vez o processo de ensino-aprendizagem.

É imprescindível oportunizar aos alunos a criarem textos, adquirirem autonomia no ato da leitura, para adquirir conhecimento baseado no construir sentidos, ideias, conhecimentos para a vida do aluno e não apenas para uma necessidade escolar.

Espera-se que tanto a escola quanto a família assumam o compromisso diante do processo de ensino-aprendizagem; bem como possam refletir que o pensamento do indivíduo (aluno) é pessoal, e que por isso há diferentes “pensares”; além disso, é necessário que haja mais momentos de interação/construção de conhecimentos através do ensino da literatura em sala de aula e, por fim, que o aluno se torne um indivíduo construtor de conhecimentos nos mais diferentes contextos sociais.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRANDÃO, Heliana Maria Brina. MARTINS, Aracy Alves. *A leitura literária no PNL D diante dos PCN's: pretextos versus contextos ou "a escolinha do professor mundo"*. In: Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.

CÂNDIDO, A. *A literatura e a formação do homem*. In: Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2006.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Liliana soares. *Produção de leitura na escola: a interpretação do texto literário nas séries iniciais*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ª Ed. São Paulo: 2008.

MARIA, Luzia de. *Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, Aracy; VERSIANI, Zélia. *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.